

Alunos de escolas públicas inovam em Torneio de Robótica

CIÊNCIA

Irlaine Nóbrega

O Torneio de Robótica First Lego League realizado pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) está em andamento. Ontem foi o primeiro dia da segunda edição presencial realizada no Pará. A temporada “Cargo Connect” conta com exposição das propostas desenvolvidas por alunos de nove a 16 anos, a fim de trazer soluções práticas para problemas do dia a dia por meio de projetos voltados ao transporte e à logística. A programação segue até hoje, no Sesi Ananindeua, localizada na avenida Mário Covas.

Este ano, o evento reúne 33 equipes da região Norte que apresentam ideias com soluções inovadoras para o futuro do transporte. Cinco escolas paraenses participam da competição, formadas por grupos de alunos das escolas municipais Manuela Freitas, Nestor Nonato de Lima e Ana Dalila Ferreira de Oliveira; da Escola Estadual Magalhães Barata e do Núcleo de Tecnologia Educacional. O desafio principal é fazer com que os jovens, orientados por dois adultos, trabalhem em sintonia com os colegas com foco no respeito e competição saudável.

Durante a programação, os participantes devem passar por quatro categorias de avaliação: projeto de inovação, desafio do robô, design do robô e core values, em que devem mostrar que sabem trabalhar em conjunto. Em uma delas, eles de-

vem apresentar para os juízes, na arena de competição, os robôs construídos de acordo com a tecnologia Lego Mindstorm, que são programados para cumprir uma série de missões relacionadas com o tema gerador.

INCENTIVO

Segundo a coordenadora da competição First Lego League, Márcia Arguelles, o evento é uma forma de incentivar crianças e adolescentes, principalmente de escolas públicas, a explorar a área da ciência e tecnologia por meio da robótica. “Nós tivemos um crescimento de 50% em número de equipes do ano passado para esse ano porque foi feito um trabalho muito voltado para fora do Sesi. Esse ano, temos equipes novas que estão debutando no nosso torneio. Os projetos trabalham muito a questão da pesquisa, de ver soluções para a temática do transporte. Nós temos equipes que estão vendo como facilitar e melhorar o transporte do açaí, que é uma situação da nossa região”, afirmou.

A equipe Engenheiros em Ação, da cidade de Boa Vista, apresentou um projeto de redistribuição das vacinas contra a Covid-19 para aldeias indígenas do Rio Mucajá, em Roraima. Segundo a estudante de 13 anos, Mariah Moraes, uma das participantes do grupo, o objetivo é fazer os imunizantes chegarem até as comunidades, por meio da travessia por barco, em condições ideais de resfriamento, no intervalo de dois a oito graus, o que garantiria

boas condições de uso e a redução do desperdício das doses. “A ideia veio por conta da pandemia. As pessoas precisam das vacinas para criar anticorpos a doenças nocivas à saúde humana. Nós verificamos que as áreas isoladas recebem as vacinas, mas com um pouco mais de tempo até chegarem lá e muitas vezes acontece pela perda da vacina.”

O projeto do grupo é uma caixa térmica que resfria as vacinas com o auxílio de um barco com energia solar e turbinas hídricas para acondicioná-las. “Elaboramos uma caixa térmica que não necessita de auxílio das barras de gelox, elas conseguem se acondicionar sozinhas. A gente resolveu utilizar um barco normal e apenas melhorá-lo com a placa solar e a turbina hídrica voltadas para recarregar a caixa térmica. No barco, teria um local específico para a caixa térmica ficar para que, no caso de turbulência, ela fique intacta e as vacinas fiquem seguras”, explicou Mariah Moraes.



Nós tivemos um crescimento de 50% em número de equipes do ano passado para esse ano porque foi feito um trabalho muito voltado para fora do Sesi”

Márcia Arguelles,
coordenadora do First Lego



Promovido pelo Sesi, o First Lego League está na segunda edição e vai até hoje, em Ananindeua

FOTO: ANTONIO MELO

Projetos criam novas opções de transporte

O projeto social “Inovação Gileade”, que atua no bairro de Águas Lindas, em Belém, apresentou o projeto “Perda das cargas em localidades ribeirinhas”. De acordo com a estudante Leticia Pinheiro, 14, a proposta veio para evitar que barqueiros ribeirinhos tenham prejuízo ao fazer o transporte de mercadorias para a capital e outras localidades. “Muitas comunidades ribeirinhas

transportam carga à noite, quando não tem iluminação nem sinalização nessas localidades. Então, acontecem acidentes, eles batem em galhos de árvores ou até mesmo em barcos e perdem as cargas de açaí, por exemplo, e isso gera um custo. Nossa solução foi usar um sensor ultrassônico para avisar eles que tem algum objeto a certa distância. Então ele irá avisar com um barulho e o LED para

que possa não colidir, ou desviar ou parar o barco”, detalha. “Para mim é muito incrível participar do projeto e para essa população. Para mim, que sou menina, na tecnologia não tem muitas meninas e isso pra mim é muito importante porque tem meninas que não tem acesso, nem conhecem sobre isso. E estar aqui, pensando em tudo isso, é muito gratificante pra mim”, conclui Leticia.